CINTIO VITIER

A terra adivinhada (Notas)

Tradução e apresentação
de TERESA CRISTÓFANI BARRETO

A paixão de Cintio Vitier por José Martí não teve começo. Sempre foi. Parece-lhe impossível desvencilhar sua devoção por Martí do fato de ser cubano. E é sob o signo do vate que o crítico Vitier vai se iniciar no mundo das publicações, com a resenha "Los Versos Libres de Martí". Escreverá três livros sobre Martí, e ainda outro, em companhia de Fina García Marruz, além do prólogo, notas e cronologia do volume dedicado ao mesmo Martí da Biblioteca Ayacucho. Será também pesquisador literário da Biblioteca Nacional José Martí, onde fundará a sala Martí. Atualmente é pesquisador do Centro de Estudos Martianos.

O poeta Cintio Vitier descobre a poesia ao ler, aos 15 anos de idade, Juan Ramón Jiménez, meses antes de sua histórica visita a Cuba, em 1936. Segundo Vitier, Jiménez teve uma atitude explícita no país: a de unir

JOSÉ MARTÍ

os poetas. Entre todos, Cintio Vitier não conhecia Fina García Marruz, que conhecia Juan Ramón Jiménez, que conhecia Cintio Vitier, que não conhecia Lezama Lima, que conhecia Juan Ramón Jiménez. Fina e Vitier casaram-se, e no enterro de Lezama Lima, Vitier foi chamado pela viúva, depois de ela ter rechaçado Ángel Augier, para discursar no enterro do Mestre. A causa republicana espanhola, neste ano do assassinato de Lorca, marca a adolescência cubana da geração de Vitier, via poesia, em direção à esquerda: “uma esquerda difusa, uma esquerda vaga”, como ele mesmo define, não uma afiliação partidária. Mas este primeiro encontro com a poesia, ainda que tivesse certo rumor político, significou para Cintio Vitier o descobrimento da *beleza*. Seu fruto imediato foi a publicação, em 1938, do primeiro livro do jovem poeta, *Poemas*, auspiciado por Juan Ramón Jiménez, que lhe agrega, como subtítulo: *Luz ya Sueño*.

O segundo encontro de Vitier com a poesia foi em 1942 ou 1943, com César Vallejo, verdadeira revolução que foi também integração com o primeiro momento poético. É quando Cintio Vitier conhece a *Justiça*. A poesia de Vallejo faz Vitier aprofundar sua opção política de esquerda, sempre em função da Guerra Civil Espanhola. Hoje Cintio Vitier se declara não-marxista, de tendência natural heterodoxa. Intelectual de uma geração criticada por viver à margem da ebulição política, que não sabia exatamente o que estava ocorrendo antes do 1º de janeiro de 1959, Vitier afirma que o triunfo da Revolução foi uma “alegria sem limite”, uma “experiência inesquecível”. Afirma também compartilhar de uma censura fundamental que há em Cuba: não permitir que, direta ou indiretamente, defendam-se posições do inimigo. Considera “legítima” essa premissa, um “direito da Revolução”. Mas se sua obra é pautada por estes compromissos políticos, medra em sua trajetória intelectual, cifrada em antologias, textos críticos, ensaios, traduções, romance e poesia, outra forte tendência: a moral-religiosa.

Embora não se defina como católico ortodoxo, ou mesmo fechado, uma vez que se converteu ao catolicismo por livre pensamento, Cintio Vitier deixa certo odor de incenso impregnar algumas páginas suas. Seu caderno poético *Canto Llano*, de 1956, livro comentado por Lezama Lima em *Tratados en la Habana*, tem como centro as

tensões espirituais dessa conversão. Mas não parece haver tensões quando afirma que, na tradução que realizou de *Iluminaciones*, de Rimbaud, só a intervenção do Espírito Santo foi capaz de sanar suas lacunas de conhecimento da língua francesa. Além de Rimbaud, poeta que teve grande importância em sua obra, Vitier traduziu também Valéry, Mallarmé (“Un Golpe de Dados”, para a revista *Orígenes*) e Paul Claudel. Foi professor de francês na Escola Normal de Havana.

* * *

Quando José Martí chegou na Venezuela teve uma visão, recolhida em seu discurso pronunciado no Clube de Comércio de Caracas. Essa visão, de uma natureza pujante a serviço de povos prósperos e felizes, estava sem dúvida ligada às esperanças que o progresso técnico-científico havia fulgurado no século XIX, e não é por acaso que sua eloquência a desfraldasse em um Clube de Comércio latino-americano.

As expectativas daquele porvir encheram de ilusões a segunda metade do século passado, enquanto o nosso agoniza olhando a face do progresso como a face ameaçadora de uma esfinge. Mas Martí também previu os perigos do que chamara “a ciência sem o espírito” e, por outro lado, esta mesma visão termina com uma exclamação inesperada: “Oh! Que Calvário temos ainda de percorrer para ver ferver assim a terra...!”.

Por que invocar, a propósito de tão paradisíaca visão, um Calvário? Algo muito doloroso pensou ele que haveria de atravessar para merecer essa natureza a serviço feliz dos homens, e essas caras que já não estariam “macilentas, mas jubilosas”. O que tem que suceder, senão a justiça, para que as caras macilentas se tornem jubilosas? O deserto humano, disse Isaías, “florescerá profusamente, e também se alegrará e cantará com júbilo”. Mas antes é preciso, como dirá Martí em *Nuestra América*, “descer até os infelizes e erguê-los em nossos braços”.

Dez anos depois daquela visão, no microcosmo martiano dos *Versos Sencillos*, transparece que o ajuste de história e natureza - a conquista, para a primeira, da harmonia da segunda -, tema oculto e central do livro, só é possível ser atingido mediante o sacrifício exigido pelos heróis desde seus terríveis “claustros de mármore”. Sacrifício combatente na “guerra necessária”, e

sacrifício constante de uns homens por outros, como se autolimitam os elementos naturais, para que nem tudo seja terra, nem tudo ar, nem tudo fogo, nem tudo água, conforme já o intuíram os gregos.

Hoje sabemos que aquele progresso que prometia tantas aventuras se converteu em novo instrumento de divisão e opressão, excedendo-se em seus métodos, objetivos e ambições, até chegar a tocar em nossos dias, envenenando-as, as fontes da vida. Hoje sabemos que as causas da possível destruição pelo próprio homem de suas condições de vida procedem diretamente do insensato afã de lucro das sociedades dementemente consumistas e da irresponsabilidade ética que as caracteriza. Hoje sabemos que o que enfrenta a ecologia são as conseqüências últimas da injustiça entre os homens.

Vêm-nos à mente as palavras de Isaías 24 (“E a terra se infectou sob seus moradores; porque transgrediram as leis, falsearam o direito, romperam o pacto sempiterno...”), e sua relação dialética com Isaías 35, o hino onde a glória, formosura e alegria do deserto, a restauração da natureza, são inseparáveis da redenção dos desgraçados.

Fica claro, pois, que apesar de os esforços coordenados dos governos e instituições, em âmbito regional e mundial, para deter a crescente deterioração ecológica do planeta e fomentar uma cultura salvadora da natureza e, portanto, do homem, contarem com nosso fervoroso aplauso e nosso apoio militante, não nos escapa o fato de que na raiz do problema há outra deterioração secular: a da consistência ética do homem, a da crescente injustiça planetária, agravada quando “a ciência sem o espírito”, a ciência e a tecnologia amorais, que já colocaram neste século em perigo de morte a humanidade inteira, converteram-se nas mais equívocas e mortíferas armas que os poderosos já manejaram.

A luta, então, contra semelhante ameaça, que os atuais dados científicos nos fazem conceber como um verdadeiro suicídio coletivo, tem que ser, em primeiro lugar e simultaneamente, uma luta pelo resgate dos princípios éticos, os únicos que podem reconciliar os homens entre si, e os homens com a natureza.

Mas a natureza sendo uma, como o homem, também é diversa. No final de sua visão americana, dizia Martí: “a imensa terra nova, ébria de gozo de que seus filhos a tivessem por fim adivinhado, sorria...”.

“A imensa terra nova” nos remete a outro

arrebato visionário de *Nuestra América*: “Em pé, com os alegres olhos dos trabalhadores, saúdam-se de um povo a outro os novos homens americanos”; enquanto a expressão “ébria de gozo” nos recorda um poema de *Ismaelillo*, escrito também em Caracas em 1881, “*Mi Caballero*”: “Ébrio ele de gozo/de gozo eu ébrio...”, imagem de plenitude e felicidade em íntima relação pai-filho, como aqui na relação mãe-terra-filhos.

Mas o que mais nos maravilha (conforme observamos já há vinte anos), pela audácia poética do pensamento que sugere e que emana, avassalador, de toda a obra de Martí, é a expressão que agora queremos (de novo) sublinhar: “ébria de gozo de que seus filhos a tivessem por fim adivinhado”. Porque quando se trata de criar uma cultura original e universal, trata-se disso, em suma: de adivinhar, decifrar e traduzir a inspiração oculta na própria natureza.

Este ensinamento é básico em Martí: o governo, as leis e a economia, tanto como a criação literária e artística, hão de ter raiz natural, autóctone. Para ele a autêntica cultura, a autêntica liberação é, simplesmente, a terra adivinhada. Essa adivinhação só é possível ao amor: “o amor é quem vê”. Por isso quando se sentiu cumprindo seu dever e vocação nos campos da Cuba revolucionária, pôde confessar em silêncio: “cheguei por fim a minha plena natureza”, pátria onde o exterior e o íntimo maior de seu *Diario de Campana*, que fez de nossa terra, espírito.

Hoje, que tão gravemente é atacada aquela que ele chamara “a justiça da natureza”, tanto física como moralmente, não desatendamos a essas reveladoras palavras, às quais em nossos dias respondeu César Vallejo, recordando-nos que “a prática da justiça é a única cultura verdadeira”. E apenas ela nos salvará.

JUAN RAMÓN JIMÉNEZ